

Entre a arte de representar e a arte de ensinar: reflexões sobre teatro e educação

Larissa Minuesa Pontes Marega¹

Resumo: Este ensaio aborda reflexões sobre teatro e educação. Na primeira seção, discuto palavras-chave que circunscrevem a arte dramática. Na segunda, a origem do teatro, da tragédia e da comédia. As seções seguintes discutem o teatro no contexto escolar e trazem exemplos de jogos teatrais que podem ser trabalhados em sala de aula para fins diversos.

Palavras-chave: teatro; educação; jogos teatrais

Abstract: The theatre and education are the themes of current analysis. Whereas the first section deals with keywords that foreground the drama, the second investigates the origin of drama, tragedy and comedy. The other sections discuss the theatre within the school context and bring forth some examples with plays that may be undertaken in the classroom with different aims.

Keywords: theatre; education; plays.

1. A essência da arte dramática

Início este ensaio apresentando uma reflexão em torno da palavra *atuação*. Trata-se, primeiramente, de um substantivo que deriva do verbo *atuar*, significando, portanto, “exercer a ação de”. Por outro lado, também pode ser pensado como *a tua ação*, sugerindo, desse modo, algo que depende da ação de outrem. Atuar, em ambos os sentidos, significa agir, ou seja, agir em relação a si e ao outro.

Ação é, pois, uma palavra-chave do teatro, esta arte que, desde a Grécia Antiga, já movimentou e perpassou diferentes setores da sociedade: religião, política, cultura,

¹ Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Ensino de Gêneros Textuais e nas áreas de Direção e Interpretação Teatral. É atriz profissional DRT/PR nº. 23865/2008 e atua desde 2005 na Companhia de Teatro Cia Palco, em Maringá-PR. Há três anos é professora de teatro da Escola Magnus Domini, também em Maringá.

educação. Justificar a importância de conhecer essa forma de expressão artística é desnecessário.

Faz-se necessário, no entanto, apontar que existe uma relação muito tênue entre a vida e a arte. Uma seria a representação da outra? O fato é que quando a palavra *teatro* é mencionada, a imagem que geralmente vem à mente é a de pessoas em cima de um palco expondo seu lado mais extrovertido para um público diversificado. Diante dessa cena, a conclusão a que se chega é de que faz teatro somente aquele que é desinibido.

Mas será que a arte teatral realmente é restrita aos extrovertidos? Na verdade, para que aquelas pessoas consideradas “não tímidas” atuem, é necessário um longo período de preparação psicológica e corporal. Ninguém, por mais extrovertido que seja, nasce ator. A meu ver, a profissão de ator é uma das mais complexas a serem alcançadas, devido à quantidade de técnicas a serem apreendidas. Ser ator requer tempo e muito estudo.

Logo, o teatro significa mais do que uma grande exposição, ele é, sobretudo, uma grande transformação pessoal e interpessoal. É sinônimo de jogo, um jogo em que não há perdedor. No jogo do teatro, todos ganham, desde o contrarregista, o iluminador, o sonoplasta, o diretor, os atores e o mais importante, o *público*, pois não há teatro sem público, não existe ator sem plateia. Para haver teatro é preciso, e sempre, esses dois elementos e nada mais. Aliás, é preciso um bom argumento, uma boa história para contar.

E o que contar a esse público? É certo que o conteúdo da representação teatral advém de uma observação minuciosa do mundo, das pessoas, das coisas mais triviais. Fazer teatro e, por assim dizer, estudar teatro, é antes de tudo se conhecer, é uma oportunidade única de reflexão, de olhar para a própria existência.

A existência do ator, por sua vez, revela-se na figura de dois aspectos fundamentais: o *corpo* e a *mente*. O corpo porque é preciso ter algo que se faça movimentar, que se faça significar diante dos olhos da plateia. Já a mente, é estar presente, é estar inteiro para assumir uma personagem em cena, pensando, pulsando e agindo. Por isso, para atuar é preciso ter conhecimento do corpo e da mente, dos seus limites e das suas possibilidades. Tornar-se conhecedor de si mesmo, tornar-se íntimo das suas limitações. Saber o que se é.

Outra palavra-chave nesse contexto é a *entrega*, o teatro exige uma entrega integral. Não existe meia verdade, não existe meio ator em cena. Ou se é ou não se é. A *fé cênica*, termo criado por Stanislavski (1964), significa exatamente isso. Se o ator não acreditar na

sua ação, de todo, integralmente, a plateia também não acreditará. No teatro, deve-se sempre partir da verdade.

Diante do exposto, parece-me que o teatro não deve assumir somente o rótulo de entretenimento. Ao contrário, para além do divertimento, sua verdadeira função recobre ações reflexivas, formativas e educativas. Seja como estudioso, praticante ou apreciador, o sujeito interpelado pelo teatro realmente se modifica. O teatro proporciona o desenvolvimento de atitudes pró-ativas, desperta a união de grupo, proporciona o entendimento do papel do indivíduo em um grupo, trabalha a capacidade de falar em público e o controle da timidez, aumenta a autoestima e a autoconfiança, aprimora a capacidade de improvisação em diversas situações, trabalha o controle da ansiedade, aumenta a capacidade de concentração, trabalha também a atenção, o foco, aprimora a observação, a criação, estabelece uma consciência vocal, corporal e facial, desenvolve a leitura, a dicção e a postura.

Em suma, o teatro se faz na prática. Para Stanislavski (1964), o ator deve trabalhar a vida inteira, cultivar seu espírito, treinar sistematicamente os seus dons, desenvolver seu caráter e nunca renunciar a este objetivo primordial: amar sua arte com todas as forças e amá-la sem egoísmo. Nas entrelinhas dessa citação, as palavras *generosidade* e *humildade* aparecem como duas virtudes essenciais de um bom ator.

2. Em breves palavras, a longa história do teatro

O teatro é a imitação de uma ação e o ato de imitar está presente na essência dos mais primitivos rituais de que se tem conhecimento. É por meio da imitação que a criança se desenvolve aprendendo a falar e a agir. Comparando este homem primitivo com uma criança, é possível observar que ambos são completamente ignorantes em relação ao universo que os cerca. E muito provavelmente, este homem, ansioso por encontrar respostas para as suas perguntas, tenha começado a construir um acervo de mitologias, religiões e rituais, numa tentativa de explicação do mundo, dos fenômenos naturais, da vida, do nascimento, da morte.

A história do teatro se confunde com a história da humanidade. A arte de representar advém das situações vividas pelo ser humano que, por culto, religiosidade, louvor, prestígio, entretenimento, registro, ou simplesmente pela pura expressão artística revela seus sentimentos em um mundo da fantasia muito parecido com um mundo real. O mundo evolui e a arte de representar acompanha essa evolução. Passam os séculos e os

homens estão vivendo, sobrevivendo e exortando, pelo viés da arte, a sua relação interpessoal, seu passado, seu futuro, seus medos, seus ideais, suas vontades e desejos.

Tal como é conhecido atualmente, o teatro tem origem na Grécia Antiga. Os gregos desenvolveram essa arte de tal forma que até hoje suas peças são encenadas. Segundo Brandão (1984), o teatro grego surgiu a partir da evolução das artes e dos rituais daquela época, como, por exemplo, a festa em homenagem ao deus Dioniso (deus do vinho). Nessas festas, os jovens dançavam e cantavam e também bebiam muito vinho. Os festivais eram anuais, e a cada nova safra de uva, eram realizadas mais e mais comemorações. Os homens gregos cultuavam o deus Dioniso e faziam seus agradecimentos. Nesses dias de festa, os homens gregos, já embriagados de tanto vinho, começavam a fazer imitações e teatralizações.

Com o passar do tempo, esses espetáculos individuais começaram a ganhar certa organização e foram sendo representados para diversas pessoas. Mas nesses momentos de muita festa, a história de Dioniso ainda continuava sendo narrada em terceira pessoa, com muito respeito e distanciamento.

No entanto, no ano 534 a.C., um homem chamado Téspis, resolveu encarnar Dioniso, e transformar a narração em primeira pessoa. Nascia naquele momento o primeiro ator do mundo ocidental. "Eu sou Dioniso" – dizia Téspis. Sólon, legislador grego, assistindo à nova proposta de Téspis, perguntou-lhe se ele não se envergonhava de mentir para todos os presentes, fingindo ser alguém que, de fato, não era. Téspis, então respondeu, dizendo: - "Mas eu estou apenas brincando". Sólon, ainda muito preocupado, argumentou, dizendo: - "Mas a partir de agora as pessoas também poderão mentir? Poderão brincar nos contratos?". Neste curto diálogo entre Téspis e Sólon aparece o caráter de *jogo* e *brincadeira*, que Sólon chamava de mentira. Jogo e brincadeira, palavras inerentes ao trabalho do ator. No início da história, porém, o ator foi chamado de hipócrita, por fingir ser alguém que não era, por ser um mentiroso.

Historicamente, Téspis foi o primeiro ator, porque se desvinculou do coro e apareceu como um ser autônomo. O coro foi uma personagem extremamente importante na realização teatral da Grécia Antiga. Esse termo "coro" provém do grego *chorós*, que designava um grupo de dançarinos e cantores que usavam máscaras e participavam ativamente dessas festividades religiosas e das representações teatrais. O coro tinha várias funções: era considerado uma personagem da peça, fornecia conselhos, exprimia opiniões e, por vezes, até participava das ações encenadas. Ao coro, competia, também, criticar valores de ordem social e moral. Tinha o papel de espectador ideal, reagindo aos acontecimentos e ao comportamento das personagens. O coro tinha a função de

elemento impulsionador da emoção dramática, conferindo movimento ao que estava sendo representado e promovendo quebras de ação para levar o público a refletir sobre o que estava acontecendo. As pessoas que compunham o coro eram chamadas de coreutas, e estes formavam o ditirambo, ou seja, a apresentação. O líder do coro era chamado de Corifeu.

Téspis, então, era o Corifeu, que apareceu como ator, como protagonista nas apresentações. E com a evolução dessas apresentações, foram surgindo vários textos dramáticos e grandes dramaturgos. Durante o período clássico da história da Grécia, século V a.C., foram estabelecidos os estilos mais conhecidos de teatro: a tragédia e a comédia. Esse período é conhecido como o “Século de Ouro”, pois foi nessa época que a cultura grega atingiu seu auge. Atenas tornou-se o centro dessas manifestações culturais e reuniu autores e artistas de toda a Grécia. Nessa época clássica, foram construídos diversos teatros ao ar livre. Eram aproveitadas as montanhas e as colinas de pedra para servirem de suporte para as arquibancadas. A acústica era perfeita, de tal forma que a pessoa sentada na última fileira podia ouvir tão bem a voz dos atores, quanto quem estivesse sentado na primeira fileira. Os atores representavam usando máscaras e túnicas de acordo com cada personagem. Muitas vezes, eram montados cenários bem decorados para dar maior realismo à encenação.

2.1 Os grandes gêneros do teatro: a tragédia e a comédia

Segundo Valéria Peixoto de Alencar², o termo tragédia oriunda do grego *tragoidia*, em que *tragos* significa bode e *oide* significa canto, era o canto ao bode, uma manifestação ao deus Dioniso, que se transformava em bode para fugir da perseguição da deusa Hera. Em alguns rituais também sacrificavam esses animais em homenagem ao deus, como forma de oferecimento. A tragédia apresentava como principais características o terror e a piedade que despertava no público.

Conforme Costa (1992), este era o mais nobre dos gêneros literários. Comumente constituída por cinco atos, além dos atores, tinha a existência do coro, que manifestava a voz do bom senso, da harmonia, da moderação, face à exaltação dos protagonistas. Na tragédia, o herói sofre sem culpa. Ele teve o destino traçado pelos deuses e seu sofrimento é irrefutável.

² ALENCAR, Valéria Peixoto de. Diferenças entre comédia e tragédia. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/ult1684u12.jhtm>>. Acesso em: 20 de outubro de 2009.

Os três tragediógrafos clássicos são Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Eles escreveram cerca de trezentas peças, das quais apenas dez por cento chegaram até nós. Ésquilo, o mais antigo dos três, é considerado o fundador do gênero. Sete peças suas sobreviveram à destruição do tempo: “Os Persas”, “Sete contra Tebas”, “As Suplicantes”, “Prometeu Acorrentado”, “Agamênon”, “Coéforas” e “Eumênides”. Sófocles é o autor da trilogia tebana: “Édipo Rei”, “Édipo em Colona” e “Antígona”. Eurípedes escreveu outras tragédias, as mais conhecidas são: “Medeia”, “As Bacantes” e “Electra”.

A origem da comédia é a mesma da tragédia: as festas ao deus Dioniso. Conforme Alencar, a palavra comédia vem do grego *komoidia*, e *komos* remete ao sentido de procissão. Na Grécia, havia dois tipos de procissão que eram denominadas *komoi*. No primeiro, os jovens saíam às ruas, fantasiados de animais, batendo de porta em porta pedindo prendas, brincando com os habitantes da cidade. No segundo tipo, era celebrada a fertilidade da natureza. Apesar de também ser representada nas festas dionisíacas, a comédia era considerada um gênero literário menor, inferior. As pessoas que apreciavam a tragédia eram nobres, enquanto aqueles que assistiam à comédia, não eram.

Também a própria temática diferenciava esses dois gêneros. De acordo com Costa (1992), a tragédia contava a história de deuses e heróis, já a comédia falava de homens comuns. A encenação da comédia antiga era dividida em duas partes, com um intervalo. Alencar esclarece que, na primeira parte, prevalecia um duelo verbal entre o protagonista e o coro. No intervalo, o coro retirava as máscaras e falava diretamente com o público para definir uma conclusão para a primeira parte. A seguir, vinha a segunda parte da comédia. Seu objetivo era esclarecer os problemas que surgiram no duelo. A comédia antiga, por fazer alusões aos mortos, satirizar personalidades vivas e até mesmo os deuses, teve sempre a sua existência muito relacionada à democracia. Aristófanes é considerado o maior autor da comédia antiga, escreveu mais de quarenta peças, das quais conhecemos apenas onze, dentre elas: “Lisístrata”, “As Vespas”, “As Nuvens” e “Assembleia de Mulheres”.

As comédias que remontam o clássico apresentavam um acentuado conteúdo didático ou moral. Pensava-se que, ao despertar o riso, por falar das tolices e das fraquezas humanas, a comédia, em todas as suas várias formas poderia ensinar o público a evitar erros semelhantes. Assim, as comédias antigas pregavam o *ridendo castigat mores*, expressão latina que significa, “rindo se corrige os costumes”. Na leitura de Costa (1992), ao afirmar que a imitação é parte da natureza humana, Aristóteles pontua que, enquanto a tragédia mostrava os homens melhores do que eram, a comédia mostrava os homens piores do que são.

Em sua forma mais simples, a comédia é, por vezes, definida meramente como o risível, aquilo que desperta o riso ou no mínimo, um sorriso. Caracteriza-se, sobretudo, por conter um enredo que sugere um final feliz (*happy end*), a história acaba, geralmente, na união de um jovem casal, e numa adequada distribuição de prêmios e castigos entre as outras personagens. As personagens da comédia são ditas “estereotipadas”, os autores retratavam os tipos comuns da sociedade: o par de jovens loucamente apaixonados, o marido enganado, a esposa imprudente, a viúva, o criado espertalhão, o soldado fanfarrão. Somam-se a esses personagens, certos incidentes e recursos diversos para causar situações clássicas da comédia: o triângulo amoroso, o disfarce, a troca de identidade, cartas que caem em mãos erradas etc.

3. Teatro-escola: uma via de mão dupla

Indiscutivelmente o teatro faz parte da sociedade, da cultura, da história. Uma das preocupações das escolas, por exemplo, é “aplicar” o teatro como forma de descontração, para deixar a aula mais dinâmica, mais divertida. “Faça um teatrinho sobre a história que você acabou de ler”, “faça um teatrinho sobre a pré-história” ou “sobre a Amazônia”. Mas como fazer isso? Qual é a verdadeira finalidade de um pedido como esse?

Ou ainda, o teatro pode ser a vitrine da escola no final do ano. Um grande evento, cheio de luzes, roupas coloridas, alunos e pais com muitas expectativas. Mas a apresentação, afinal, é para quem? Para os pais? Para a escola? E as crianças que estão ali se dedicando, se divertindo, também, é claro, elas se divertem e muito. Mas muitas não. Esse tipo de atividade da forma que existe hoje, dentro de sala de aula ou como fechamento do ano letivo privilegia uma parcela mínima dos alunos, aqueles que são desinibidos por natureza. Para os outros, a exposição pode criar traumas. Um palco pode ser maravilhoso, mas também pode ser ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, traumático.

É preciso ter cautela, já que a formação do ator começa na escola, diante das possibilidades que ele enxerga nessa instituição. É na escola que a criança entra em contato com a arte dramática. O conceito de teatro começa a ser formado ali, naquele ambiente, e o conceito de ator, conseqüentemente, também se forma ali.

A meu ver, trabalhar com o teatro em sala de aula e no ambiente escolar como um todo, não deve ser uma forma de mostrar resultados. Pelo contrário, deve ser uma forma de

apresentar uma prática, uma experiência, uma vivência, uma tentativa de. Sem cobranças, sem pressão. Nesse contexto, o teatro não pode ser entendido como uma alavanca para impulsionar os alunos a crescer, pelo contrário, ele deve ser uma ponte, onde o aluno possa caminhar e chegar ao seu objetivo por mérito próprio.

Meus colegas, também atores e professores de teatro, sempre contam suas experiências com o teatro no contexto escolar. Eu também comecei a atuar na escola. E quantos mais não se interessaram pelo teatro na própria escola? Mas desses, quantos foram estimulados a fazer teatro de fato, a seguir essa carreira?

A meu ver, o ambiente escolar pode ser o início de muitas carreiras artísticas, de muitos profissionais do teatro. Por isso, é fundamental ter um bom conceito e uma boa formação desde cedo, para limpar os estereótipos que a sociedade insiste em colocar nos artistas, para evitar preconceitos, para ser reconhecido e ter dignidade na profissão. Para ser ator é preciso ser íntegro e completo como ser humano, e isso também se aprende na escola.

4. Jogos teatrais: conhecer-se para conhecer o outro

Neste ensaio, os jogos teatrais referem-se aos jogos de improviso desenvolvidos pela diretora teatral norte-americana Viola Spolin (2005) para fins de preparação de atores profissionais, para utilização do ensino de teatro para iniciantes, ou dentro da escola. Grande parte da obra dessa autora está editada no Brasil, pela Editora Perspectiva com tradução de Ingrid Koudela (1984).

Existem muitas possibilidades para trabalhar o jogo em sala de aula. Como dito anteriormente, o teatro é sinônimo de brincadeira, mas é uma brincadeira séria. Séria porque tem sempre por trás um objetivo de crescimento e transformação pessoal. Com o jogo teatral é possível trabalhar sentimentos, emoções, habilidades, convivência, valores e, é possível, acima de tudo, proporcionar momentos profundos de reflexão. A partir do conceito cotidiano de jogo, daquele já existente no esporte, com regras e objetivos claros, é possível promover o fortalecimento do conceito social de cooperação e da linguagem teatral.

Pelo jogo e no jogo o aluno passa, intuitiva e sensorialmente, a se perceber como indivíduo participativo e responsável dentro de um grupo. Segundo Spolin (2005), o aluno terá maior rendimento no jogo teatral se, em seguida à prática, houver a mediação do professor, com sucessivos questionamentos que terminam por conduzir a reflexão

sobre a prática teatral e a significação colaborativa da atividade cênica realizada. Fazer o jogo pelo jogo não tem significação. Os jogos teatrais apresentados por Spolin (2005) trazem à tona a “exigência” de colaboração e ajuda mútuas entre os jogadores. O aluno torna-se parte de um todo, ou seja, ele é responsável por si e pelo grupo, ele interage consigo mesmo e com o grupo, ele se observa e observa o grupo.

Apresento a seguir jogos teatrais que fiz ao longo das oficinas de preparação de atores, jogos de que participei efetivamente como jogadora, e depois, como mediadora, jogos que conduzi para meus alunos em diferentes oportunidades.

Se o grupo é novo, sé é o primeiro dia de aula da turma, sugiro o jogo “Inicial do seu nome”. O jogo é bem simples, mas exige atenção e memorização, serve também para quebrar o gelo e ampliar o trabalho em grupo. O mediador deve pedir para que os alunos sentem em círculo. Assim, a primeira pessoa deve falar seu nome e alguma palavra que comece com a inicial do seu nome. Essa palavra tem de ter a ver com sua personalidade. Por exemplo, se o nome da menina for Ana, ela tem a opção de falar “angelical”, “amorosa”, “arteira”. A pessoa seguinte deve repetir o nome do colega anterior “Ana angelical” e deve falar o seu nome com mais uma característica, por exemplo, “Carlos careca”. Todos devem participar, sendo que a cada rodada é preciso repetir toda a sequência: Ana angelical, Carlos careca, Gabriel gatinho, Rebeca rock etc., até chegar à última pessoa da roda. Esta terá de repetir o nome de todos os colegas e fazer o fechamento do jogo com o seu nome e sua característica.

Nesse jogo, as crianças ficam atentas e ao mesmo tempo solidárias com o colega que está jogando porque, caso este não se lembre, os outros jogadores podem ajudá-lo dando dicas sobre a palavra que escolheu para se identificar. Esse jogo é eficaz também para um grupo totalmente desconhecido, porque assim é possível conhecer o nome de cada participante. É uma espécie de termômetro, ou seja, saber se o grupo está contente, empenhado, interessado, atento, disposto a jogar, a conhecer o outro.

Outro jogo que pode ser desenvolvido em início de trabalhos chama-se “Que animal sou eu?”. Nesse jogo, o mediador entrega um papel para cada aluno. Neste papel, já deve estar escrito previamente o nome de um animal. Os alunos devem ver o papel sem mostrar para o outro jogador. É importante que o mediador fale que os jogadores devem pensar no animal, seus gestos, sons, imaginarem como é o animal que está escrito em seu papel. Essas orientações servem para aumentar as expectativas diante do jogo. Depois que todos tenham visto o nome no papel, o mediador recolhe os papéis e em seguida pede para que todos fiquem de mãos dadas e em círculo. O mediador explica que chamará o nome de um animal bem alto e quando isso acontecer, o jogador que for

o animal correspondente deve imediatamente sentar no chão, tentando abaixar os jogadores que estão a sua direita e a sua esquerda. Mas os jogadores que estão do lado do animal que foi chamado não podem deixar o animal sentar. O mediador deve explicar que é um jogo de ação e reação, fazendo um teste com um nome de animal e um jogador, só para demonstrar como deve ser feito. Mas o que os alunos não sabem é que em todos os papéis o mediador já havia escrito o nome de um único animal, por exemplo, “macaco”. Então, quando o mediador chamar pelo nome de “macaco” todos vão agachar com tudo e vão cair no chão, causando uma grande risada geral.

Esse jogo serve para o mediador observar as expectativas do grupo, perceber aqueles que já perguntam se vai ter de imitar o animal que está no papel, se podem fazer sons ou aqueles que leem e não gostam do animal que está no papel e ficam reclamando. O mediador percebe, enfim, a recepção que os alunos tiveram do jogo, a quebra da expectativa, a descontração, a exposição, de certa forma, ao ridículo.

Existe outro jogo que promove a união do grupo. Ainda em círculo, o mediador precisará de algumas bolas coloridas, devem ser pequenas, como aquelas que têm nas piscinas de bolinhas de crianças. O mediador deve entregar uma bolinha colorida para um jogador, este, por sua vez, deve passar para outro jogador, dizendo o nome da pessoa. O segundo jogador recebe a bolinha e faz o mesmo com outra pessoa. Todos devem receber a bolinha e passar a bolinha na mesma ordem do jogo. Depois de um tempo, o mediador solicita que os alunos passem essa bolinha seguindo a mesma ordem sem falar. Por enquanto, eles vão simplesmente passar uma única bolinha em uma sequência determinada. Depois de um tempo, o mediador insere uma segunda bolinha, assim, as duas devem seguir a mesma ordem em tempos diferentes. As bolinhas não podem cair no chão. Se uma cair, começa do zero. Neste caso, o mediador reinicia o jogo com apenas uma bolinha. Em um grupo de dez pessoas é possível fazer a sequência com seis bolinhas no ar. A atenção para esse jogo é primordial. Além de trabalhar a concentração, trabalha também o controle da ansiedade. Esse jogo é fundamental para mostrar a importância do foco, de ter um objetivo, “para quem entrego a bola”, “de quem recebo a bola”, “não posso deixá-la cair”.

Outro jogo que também trabalha a união de grupo é o seguinte: o mediador deve espalhar balas por todo o chão da sala, em um espaço vazio. Então, diz o comando para os jogadores: “você devem desembulhar a bala e comer” e a regra geral: “mas vocês não podem usar as suas mãos para isso”. O jogo inicia. A atitude dos alunos é se lançar no chão e tentar abrir a bala de qualquer jeito, com o pé, com ajuda do joelho, com a boca no chão, com os dentes. O mediador deve deixar que eles façam tudo isso. Então, em certo momento, o mediador interfere e repete a regra: “você não podem usar as

suas mãos”. Depois de um tempo, alguns alunos percebem que não podem abrir a sua bala com a sua mão, mas eles podem muito bem abrir a bala do outro e colocar na boca do outro. E quando isso acontece é maravilhoso. Os alunos percebem o quanto são individuais e fechados. Porque se olhassem para o lado, perceberiam que a solução do problema estava muito perto.

O jogo teatral é um recurso bastante produtivo. As conversas depois de cada proposta são essenciais. É ali que se vê o resultado, a diferença, a capacidade de reflexão dos alunos. Porque trabalhar com o teatro significa trabalhar consigo mesmo e olhar para o outro com simplicidade, com verdade.

O teatro, trabalhado em conjunto com as demais áreas, serve como estratégia educacional para transmitir mensagens positivas e ajudar a enfrentar os desafios da vida. Por meio do teatro é possível expressar com palavras e ações, as vontades, os sonhos, os sentimentos e demonstrar habilidades e potencialidades múltiplas. No contexto escolar, essa prática é enriquecedora.

5. E cai o pano

Antigamente o pano caía mesmo. Ao final de um espetáculo a cortina de gala separava público e artistas, depois de uma longa sessão de aplausos. Hoje, infelizmente, não há tantos aplausos. Não porque o público se esqueceu de aplaudir, mas porque se esqueceu de ir ao teatro. Não vai porque é caro, não vai porque é longe, não vai porque não gosta. Mas assiste à televisão, vai ao cinema, compra ingressos para shows internacionais. Afora a questão do acesso ao teatro, cultura é algo muito amplo e, por vezes, pessoal, mas a arte dramática é algo singular. A escola, de fato, é um ambiente propício para reflexões de valores associados à prática teatral como respeito, disciplina e altruísmo. Acredito, por fim, que todo ser humano é capaz de capacitar muitos outros e, assim, encerro este ensaio e retorno aos palcos da minha vida.

Referências

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego - origem e evolução*. Rio de Janeiro: Ed. TAB, 1980.

COSTA, Lígia Militz da. *A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

STANISLAVSKI, Constantin. *A Preparação do Ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Recebido em 08/04/2011.
Aceito em 17/04/2011.